

# Espiritualidade e mudança social<sup>1</sup>

Dirk Jürgen Oesselmann<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo visa analisar a espiritualidade como dimensão do ser humano no processo de compreender, julgar e interferir na organização das relações sociais. Ele é o resultado de uma ampla pesquisa realizada entre 1995 e 1998 na periferia de São Paulo, numa ótica política-pedagógica de possíveis mudanças sociais.

**Resumen:** El artículo visa analizar la espiritualidad como dimensión del ser humano en el proceso de comprender, juzgar e interferir en la organización de las relaciones sociales. Nace como resultado de una amplia investigación que fue realizada entre 1995 y 1998, en la periferia de São Paulo, desde una óptica política-pedagógica de posibles cambios sociales.

**Abstract:** The article endeavors to analyze spirituality as a dimension of the human being in the process of understanding, judging and interfering in the organization of social relations. It is the result of a broad research project carried out between 1995 and 1998 in the periphery of São Paulo, from a political-pedagogical perspective of possible social transformations.

---

1 Artigo formulado com base na tese de doutorado defendida na Universidade de Hannover em 1998, publicada em alemão na íntegra sob o título de *Spiritualität und soziale Veränderung*.

2 Doutor em Filosofia / Ciências da Educação; Professor da Universidade da Amazônia; Assessor de Formação Ecumênica do Instituto Universidade Popular e do Conselho Amazônico de Igrejas Cristãs.

Tenho medo de usar esta palavra: alma. Está ausente dos léxicos da competência, é destituída de dignidade epistemológica, foi banida dos livros de ciência... Alma é palavra que marca os limites de um mundo proibido e esquecido, o mundo que se banha sob a luz do Desejo.

Alma é isto, este centro afetivo que pulsa dentro do corpo, que ilumina o mundo inteiro e transfigura músculos, sangue e pensamento. “Erótica é a alma”, diz Adélia Prado. “É nela que se encontram as fontes da ação” (Rubem Alves).

Falar sobre espiritualidade na e a partir da universidade é no mínimo algo suspeito. Como objeto de estudo, ela está sendo pesquisada pela antropologia – os ritos, os costumes – e ainda nas ciências sociais há uma análise dos impactos do exercício religioso na organização da sociedade. Mas diante da religião como envolvimento pessoal, há uma suspeita forte de ela ser algo muito subjetivo, emotivo, fora do alcance da objetividade científica. No âmbito dos sistemas religiosos, a teologia trata dos assuntos do conteúdo revelado quase com exclusividade, só que ela o faz de uma forma domesticada, adequada para o uso institucional de cada igreja. No senso comum, o exercício da religião fica restrito ao âmbito pessoal, e tudo o que diz respeito à religião permanece fechado no íntimo da pessoa, intocável para reflexões e críticas.

Quero falar sobre a espiritualidade enquanto dimensão do ser humano no processo de compreender, julgar e interferir na organização das relações sociais. Como tal, ela é um prisma da pessoa para trabalhar as suas experiências, e representa um forte motivador para as suas ações e um referencial para o seu comportamento social. Falo sobre esta dimensão a partir de uma ampla pesquisa realizada nos anos de 1995 a 1998 na periferia de São Paulo<sup>3</sup>, numa ótica político-pedagógica de possíveis mudanças sociais. Sinto uma redescoberta do interesse pela religiosidade em diversos níveis da academia, por constatar a sua importância na construção das relações sociais, mas também pela abertura de alguns segmentos religiosos às reflexões das ciências sociais e humanas. É um início da discussão acadêmica, querendo estimular posicionamentos apaixonados e críticos, céticos e desafiados.

---

<sup>3</sup> O autor trabalhou de 1988 a 1995 no Programa Comunitário Reconciliação do Menor, onde realizou, após ter saído como colaborador, a pesquisa de campo, base para a sua tese de doutorado.

## **1 - “Espiritualidade” – uma qualidade de vivência da realidade**

“O espírito para mim é uma força que me coloca em movimento, que me faz pensar, que me deixa sentir. É o Deus vivo em mim – as fontes da minha vida”. (C. O.).<sup>4</sup>

A “espiritualidade” não pode ser definida como um objeto, traçando com exatidão as suas medidas e pesos, o seu conteúdo dogmático ou científico. Ela se localiza entre as experiências humanas da realidade. É uma qualidade de vivenciar o mundo. Mesmo que experiências sejam algo pessoal e singular na sua expressão, existem aspectos gerais que distinguem este tipo de experiências de outras. O específico da espiritualidade se caracteriza justamente pela forma particular de vivenciar, perceber e significar *momentos* e *espaços*. São momentos únicos de festa ou de dor, de felicidade ou de limite. São espaços especiais por proporcionarem às pessoas sensações diferentes da rotina cotidiana: desde a tranquilidade até o envolvimento de massa, desde imagens litúrgicas de um ambiente sagrado e/ou natural até o vazio do silêncio absoluto.

Os momentos e espaços podem ser estimulados por elementos externos – o fato de as pessoas se encontrarem para festejar ou celebrar, estímulos ambientais como música ou canto de pássaros, pensamentos e reflexões, palavras poéticas ou sagradas, interpretações de regras e dogmas – mas o que torna os momentos e espaços espirituais é o significado que eles recebem pela percepção humana. A própria experiência da pessoa os faz “célebres” (= importantes), sempre lembrados como referenciais da sua vida. Espiritual não é uma característica objetiva, mas as pessoas descobrem em momentos e espaços celebrativos uma dimensão essencial da sua existência.

Qualquer descrição da espiritualidade como conteúdo corre o risco de reproduzir apenas interpretações de determinados sistemas religiosos. Não nos interessa, neste artigo, uma discussão teológica sobre significações dogmáticas de experiências de “revelação do divino”. O nosso olhar se dirige ao ser humano em sua necessidade, em sua busca e em suas descobertas, à espiritualidade enquanto dimensão do ser humano que se relaciona com seu ambiente social e constrói o seu referencial de vida.

Dando voz às pessoas que descreveram em diversas entrevistas o que ocorre com elas nestes momentos e espaços espirituais, chega-se a uma definição muito simples, típica da sabedoria e sensibilidade popular.

---

<sup>4</sup> Citações identificadas com siglas são tiradas da pesquisa de doutorado.

“Estes momentos dão uma idéia do todo. – Todos se viram juntos e acolhidos. – É muito marcante mesmo porque expressa tudo que a gente sente e busca.”  
(B. C.)

O espiritual depende do clima naquele momento e naquele lugar, como as pessoas se sentem, se relacionam entre elas, se manifestam e percebem a si mesmas e o ambiente. É um clima de profunda *integração ao “tudo”* que aparece nas três citações. A vida se apresenta, neste instante, como algo íntegro e completo, sem problemas, exclusões, desrespeitos e preocupações. As divisões e distinções se diluem num horizonte único que não precisa de mais nada. São percepções que possibilitam uma aproximação àquilo que se expressa em palavras como “sentido” ou “essência” da vida.

Algo assim é marcante para as pessoas como indivíduos ou como grupo. Momentos e espaços espirituais são chaves para a compreensão da própria existência na sua dimensão cognitiva e emotiva. Sempre são lembrados silenciosamente quando ocorreram apenas no íntimo de uma pessoa, ou abertamente quando partilhados com outras pessoas.

Esses momentos e espaços não surgem por acaso, mas são estimulados por circunstâncias externas e, ao mesmo tempo, buscados por cada ser humano. Uma pessoa que sonha precisa criar imagens do ideal, sente saudade de uma vida completa, busca a realização do paraíso. A espiritualidade é como uma antecipação real da utopia feliz na experiência e, com isso, um alimento necessário do desejo de “celebrar” a vida, como se expressa Otto Maduro (1994, p. 11):

Em certo sentido, pode-se dizer que a vida humana gira em torno da festa, move-se no sentido da celebração. Nós lutamos de sol em sol para conseguir aquilo que dê alimento e sentido à vida e que, portanto, mereça ser festejado jubilosamente em companhia de nossos entes queridos: trabalho, amor, alimento, lar, saúde, liberdade, paz, tempo para descansar, brincar e desfrutar da amizade gratuita. Lutamos constantemente para encontrar motivos, tempo, espaço e outros recursos para poder celebrar a vida sem medo nem culpa; para poder festejar o bom da vida sem causar sofrimento à vida dos outros.

Podemos afirmar, então, que a espiritualidade se manifesta em experiências do ser humano intimamente ligada à busca de sentido na vida. Esta busca pode ser caracterizada por duas tendências contraditórias e complementares: a busca por segurança e a busca por felicidade. A primeira fundamenta atitudes mais conservadoras e contidas, querendo manter, controlar ou aprofundar um estado de estabilidade na vida. A segunda tendência motiva conquistas prometedoras do novo, arrisca-se com algo desconhecido, estimula experiências diferentes e expõe-se ao outro. Assim, a celebração quer

segurar a vida, vivê-la e conquistá-la, ao mesmo tempo; procura instâncias de segurança e caminhos para a felicidade.

## **2 - Nos limites da vida**

A espiritualidade nos leva aos limites da vida. É uma forma de confronto com abismos, com o desespero, com o medo, com a exclusão, mas também com o novo, com aquilo que ultrapassa esta mesma restrição e imposição. O limite é o tema central dos momentos e dos espaços, mesmo nem sempre sendo manifestado de maneira explícita. O limite é o ponto de partida para trabalhar, pensar e fazer experiências vivenciais nas celebrações da vida.

A Vida e a Beleza só existem por causa da Morte, que torna possível que elas dancem. (Alves, 1994, p. 24).

Os limites são múltiplos. O limite da vida social: as ameaças da exclusão, do desemprego, da violência cotidiana e da não-cidadania – experiências e indignações. O limite do dia-a-dia: o imprevisto, o impossível e o improvável, conquistas transformadoras e desastres repentinos, rupturas e novidades inesperadas. O limite da própria existência: a vida em risco, o rompimento dos laços existenciais de vida, a perda e a saudade de algo que fazia parte de nós.

Os limites são lugares de confronto e de decisão. No “centro”, a vida acontece em sua normalidade. No meio das atividades, o ser humano sente-se seguro e estável. A postura é de afirmação e despreocupação. Oposto ao “centro”, a situação do limite desafia para mudar e transformar. As ameaças colocam em risco a própria vida e levantam questionamentos, dúvidas, necessidades do novo. Enquanto o lugar do “centro” tende a estar preso à normalidade da rotina cotidiana, o limite enxerga a realidade a partir dos *por-quês* e dos *para quês*, vai além das aparências da rotina e reivindica respostas consistentes para a (sobre-)vida.

Na verdade, parece que o pensamento surge com a dor. (...) Quando tudo vai bem, não pensamos sobre as coisas: nós as curtimos. (...) Não é necessário conhecer aquilo que não incomoda. (R. Alves, cit. ap. Maduro, 1994, p. 12).

Ameaças da existência e conquistas do inesperado quebram as correntes da prisão da normalidade, da ideologia do poder estabelecido, das relações de dominação. O limite é um lugar frutífero para pensar e questionar as coisas, para enxergar o diferente. Com isso, o limite também é a possibilidade de encontro com algo novo. A libertação das amarras da normalidade esti-

mula a busca para além dos limites e abre a vista para indícios escondidos e desvalorizados de vida, para possibilidades de mudar radicalmente o referencial e, com isso, os fundamentos da organização das relações sociais.

Dissemos que o limite é o lugar de confronto e de decisão, o lugar da ruptura e da possibilidade do novo. Não dissemos, porém, qual é a decisão. Não dissemos, porém, que a mudança é inevitável. A realidade e o comportamento social não se constroem a partir de leis de uma lógica linear em que certas circunstâncias causam determinadas conseqüências. Estamos num campo complexo e contraditório de múltiplas relações, percepções e emoções que não podem ser submetidas a reflexões deterministas. O limite não deixa de ser retrato e reflexo da normalidade imposta e, ao mesmo tempo, a sua ruptura. As pessoas que se encontram no limite carregam dentro de si as representações e imagens do centro, vivendo, ao mesmo tempo, a margem e a exclusão deste.

A espiritualidade é uma das formas possíveis de trabalhar os limites. Ela, em si, representa uma potencialidade contraditória. Pode ser fuga simbólica num mundo do além ou pode ser motivadora para mudanças radicais. Pode significar conformismo numa perspectiva desvinculada da realidade social, ou pode estimular uma percepção crítica, questionadora das relações estabelecidas.

Em todo caso, a espiritualidade oferece espaços e momentos que se caracterizam por destacar-se da rotina, possibilitando, inicialmente, a ruptura e o diferente. A partir disso, o ser humano e o grupo que ele compõe naquele momento (comunidade) começam a ultrapassar a situação imposta e “transcender” os referenciais, não negando, porém, a normalidade da interpretação e das relações sociais.

### **3 - A pesquisa**

Pesquisar momentos e espaços de espiritualidade em relação ao seu potencial de mudança social é uma ousadia. A idéia veio de experiências pessoais, como integrante de um projeto comunitário em que mães (e alguns poucos pais) da periferia se organizavam para melhorar a situação dos seus próprios filhos. Inicialmente, os momentos e espaços de espiritualidade surgiram espontaneamente, aconteceram simplesmente, sem que alguém tivesse de provocá-los. Não eram espaços dominados por uma ou outra Igreja, mas abertos, em meio ao dia-a-dia, com orações, abraços, cantos, leituras, poesias ou reflexões. Aos poucos, a própria entidade organizava a espiritualidade, criando espaços e liberando momentos para esta finalidade, fosse nas casas, ou nas ruelas das favelas, no refeitório, nas salas. Também a liturgia se formava aos

poucos, tomando rumo, destacando elementos de celebração, trazendo símbolos da vida.

Os momentos e espaços celebrativos estavam diretamente relacionados ao processo de transformação da realidade: a realidade de cada pessoa – um processo de emancipação de se tornar sujeito de ação; a realidade das relações sociais – a formação de um ator social consciente do seu potencial e da necessidade de integrar-se; a realidade dos referenciais – a descoberta e constituição de novos valores, de sua dignidade e da possibilidade de mudança.

A pesquisa social não tem como objetivar processos em leis e lógicas científicas, mas pode dar voz às pessoas, visualizando os processos a partir de perspectivas diferenciadas e autênticas, dentro das contradições entre avanços e retrocessos existentes.

A relevância de uma pesquisa sobre *espiritualidade e mudança social* se baseia na intuição de que a inter-relação entre estas duas dimensões assume uma importância fundamental: a espiritualidade que mobiliza, motiva e transforma posturas em relação à situação social vivenciada. Uma segunda intenção se formula a partir da necessidade de superar a dicotomia entre o religioso e o social na busca acadêmica de compreender comportamentos sociais, de qualificar as relações sociais e interferir nelas.

Concretamente, a pesquisa inclui a experiência participante em inúmeros momentos e espaços celebrativos, realizando, além disso, 12 estudos de caso, 15 entrevistas semidirecionadas e um grupo focal temático, aplicando 40 questionários informativos e 40 associativos. O resultado é de uma riqueza profunda, ampla e complexa que foi sistematizada sob cinco maneiras de aproximação ao mesmo processo de mudança ocorrida.

#### **4 - Construindo pontes para a vida**

Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.

“Mas qual é a pedra que sustenta a ponte?” pergunta Kublai Khan.

“A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra”, responde Marco, “mas pela curva do arco que estas formam.”

Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:

“Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.”

Polo responde: “Sem pedras o arco não existe.”

(Italo Calvino, *As cidades invisíveis*).

Este diálogo ficou na memória de muitas pessoas do projeto pesquisado. Apareceu e foi citado e lembrado em diversas ocasiões. Talvez ele

descreva melhor o processo como as pessoas o entendiam. O primeiro aspecto é a percepção do abismo que as separa e exclui de tantas maneiras diferentes. Não é somente o abismo social dos recursos materiais. É o abismo da discriminação diária, do tratamento como “cachorro”, do descaso em todas as esferas públicas e na vida privada. A não-pertença, a insegurança e a indiferença, em suma, a impossibilidade de chegar até aquilo que é desejável, marcam a vida como limite.

Construir uma ponte significa, nesse sentido, superar essa posição social da exclusão generalizada e criar possibilidades de integração e de dignidade. O decisivo é o caminho do agir e relacionar-se. A conversa entre Kublai Khan e Marco Polo traz elementos importantes que focalizam justamente o processo de mudança. Todas as peças são indispensáveis para que a ponte se torne segura: a participação ativa em que todos assumem o seu lugar é necessária para formar um conjunto sólido. Além disso, as peças devem se encaixar. A mudança é um processo de complementação de diversas pessoas e grupos sociais. Conceitos, princípios e projeções são fundamentais para pensar e refletir sobre a nossa situação, mas se não houver as ações, as conquistas e as realizações no cotidiano, a ponte nunca existirá.

O potencial de mudança da espiritualidade pode ser sistematizado nas seguintes dimensões:

#### **4.1 - Tornar-se sujeito – saídas e encontros...**

“Não tinha nem a coragem de olhar para fora da casa. Eu achava que tudo era contra mim. Hoje, a vida é tão diferente. Aprendi com os outros o que é vida. Aprendi quem sou eu. Hoje, luto e grito por meus direitos.” (S. R.).

Pessoas vivendo no limite social e existencial se encontram. Mas não são encontros sob a tutela da funcionalidade de executar tarefas.

Inicialmente a saída e a vontade: as pessoas têm de sair do seu lugar, se movimentar para chegar. Lá acontece uma acolhida da pessoa, uma recepção como gente. Há tempo para escutar o outro e falar de si. Estimula-se a liberdade de expressar-se, de manifestar-se e de afirmar-se. Pessoas silenciadas pela sua situação de vida começam a se descobrir como alguém, começam a detectar a sua identidade – “eu sou alguém, eu sou singular.” “De repente”, as pessoas começam a contar a sua vida, reconstruindo a sua própria história. Em muitos casos, aliás, nunca tinham contado a sua própria vida...

Forma-se ao mesmo tempo uma coletividade, uma comunidade, um grupo integrado de pessoas. Uma coisa é imprescindível à outra: a pessoa tem de ser acolhida e estimulada por outros para encontrar a si mesma numa



outra condição – passar de ser objeto, não-ser-ninguém, não-poder-opinar, não-ter-vontades, a ser sujeito, ser aceita, ser ouvida, ser respeitada. Paralelamente, a aproximação como grupo: uma comunidade somente se forma com base em pessoas que a querem e a constituem com identidades, marcando um rosto diversificado, mas unido.

O encontro consigo mesmo e a formação de comunidade não acontecem somente em e graças a celebrações, em momentos e lugares especiais. Pelo contrário, todos os momentos e espaços em que isso acontece se tornam especiais, espirituais por superar limites, por mudar e conquistar o novo. Lá onde há descoberta de si como parte de um coletivo unido acontece espiritualidade.

#### **4.2 - O processo – “participação” (parte e ação) e “comunicação” (comunhão e ação)**

“Juntos, cada um com sua parte, fizemos as celebrações. De repente, no meio da celebração, todos se juntaram e surgiu uma festa, sabe. Em todos passava a certeza que podemos fazer que as coisas mudem. Podemos dizer para o mundo que queremos respeito. Antes nem imaginava que podia fazer algo assim.” (J. S.).

Há uma enorme importância para a reconstrução da vida na “participação” coletiva. A participação constitui uma pressuposição, por um lado, da sensação de um projeto maior e, paralelamente, do fato de que cada um se percebe como parte deste projeto. Sentir-se parte significa ser incluído e formar um conjunto solidário.

Decisiva para a participação é a qualidade das inter-relações que se estabelece por meio da acolhida e do respeito, da forma como cada um é recebido e valorizado. Ser parte necessita a ativação de sua capacidade singular para assumir uma responsabilidade coletiva. Neste sentido, a pessoa “acorda” para o agir como sujeito, saindo de uma postura reativa e acomodada. Mas a participação também representa uma qualidade diferente de estímulo para agir, na medida em que supera a postura da competição como indivíduo isolado no horizonte de um conjunto maior.

Um outro elemento decisivo encontra-se na presença de um projeto comum. Este deve ser construído e reconstruído a cada instante por ser o norte, a orientação básica e, ao mesmo tempo, o “cimento” da participação, aquilo que une as pessoas. Um pré-requisito para um projeto comum é o sucesso da comunicação: uma linguagem que todos considerem a sua, que seja autêntica e que ocorra num espaço de diálogo que está aberto ao ouvir e falar. A linguagem ultrapassa as meras palavras e inclui os gestos não-ver-

bais e as emoções – símbolos da vida e do viver. O espaço rompe com as regras de uma rotina funcionalista, convida cada pessoa e permanece atento ao outro. Os participantes começam a se conhecer e a se reconhecer. Criam-se laços e tece-se uma comunhão.

Em relação à participação e comunicação, as celebrações demonstram diferenças significativas. Enquanto liturgias institucionalizadas ensinam com rituais fechados uma obediência silenciada, momentos e espaços espontâneos e abertos tendem a estimular a construção de sua espiritualidade a partir das contribuições dos presentes.

### **4.3 - Um novo referencial – libertação para a vida**

“Eu mudei. De repente, abriram-se os meus olhos. Eu sempre convivia com o sofrimento, dentro de mim, dentro de casa e na minha rua. Mas nunca pensei que poderia ser diferente. Achei que era o meu destino. Hoje, as coisas mudaram, eu mudei. Sei que podemos fazer algo. Sei que tem algo muito mais bonito para nós.” (T. B.).

Uma mudança de postura na vida requer uma mudança de valores e de referenciais; requer a ruptura da lógica ideológica do limite que se impôs, ocupando o pensar das pessoas. Libertação para a vida significa, principalmente, a ruptura com os “preconceitos” da normalidade e da moral estabelecida que responsabiliza cada indivíduo por seu lugar social. Promessas superficiais mobilizam pontualmente as pessoas; mudanças de postura, no entanto, ocorrem lentamente a partir de descobertas de “conteúdos da vida” – princípios constituintes do ser humano (sentido, dignidade, felicidade) –, como fruto de reflexões em que cada pessoa participa e tira as suas próprias conclusões. As fontes que estimulam estas reflexões precisam de autoridade e integridade a fim de passar confiança num mundo em que a maioria não acredita em mais nada e ninguém. Escrituras consideradas sagradas, como a Bíblia, representam este tipo de fontes de autoridade e integridade; as suas mensagens são capazes de trazer uma nova visão para o viver e um novo horizonte para o agir. Estudos desta fonte confrontam com mensagens de valorização da vida, da pessoa e da justiça e estimulam para pensar a vida de uma forma mais ampla.

### **4.4 - Descobrir o seu corpo**

Todas as formas de racismo e exclusão são, no fim, uma maneira de negar o corpo do outro. Podemos retomar toda a história da ética sob a perspectiva dos direitos dos corpos e das relações do nosso corpo com a realidade de vida. (Umberto Eco, 1994, p. VI-7).

Espaços espirituais valorizam as sensações emocionais e percepções

corporais no partilhar do pão e do vinho, no apertar das mãos, nos abraços; criam momentos de força e aconchego. “Tinha tantas pessoas na minha casa. A sala e a cozinha, tudo cheio de amigos. Eu senti a força que todos queriam me dar. Eu senti que as pessoas estavam aí exatamente por isso, para dar força para o outro.” (S. R.). A experiência de força, de comunhão, de felicidade preenche o espaço com o espírito, faz do momento algo célebre. A experiência dá concretude vivencial às reflexões, aos valores e ao descobrir do horizonte. A pessoa há de sentir o pulso da sua vida para poder lutar por ela, há de sentir a sua vida ao lado da vida de outros para formar comunhão.

Desta forma, chegamos da percepção dos sentidos para a percepção do sentido. Tudo gira em torno de um centro para viver, uma chave que dá o tom principal na interpretação das experiências. O sentido é a relação das partes em relação a um todo. Podemos formular este todo como projeto de vida, mas no fundo é uma experiência vital, um experimentar fundamental da vida. A partir desta experiência, a pessoa se posiciona e motiva, demonstra ânimo ou desânimo, fica apática ou se mobiliza.

#### **4.5 - A construção do novo – a utopia**

(...) não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, política, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens. A utopia implica essa denúncia e esse anúncio (...) A compreensão da história como possibilidade e não como determinismo (...) seria ininteligível sem o sonho, assim como a concepção *determinista* se sente incompatível com ele e, por isso, o nega. (Freire, 1992, p. 91-92).

É conhecido o poder dos sonhos como motivador do novo. Sonhos que se baseiam, por um lado, na indignação do presente e, ao mesmo tempo, em experiências de partilha e afeto real e que constituem uma visão crítica e inovadora de valores, formam um horizonte utópico. Sem a orientação em direção a um futuro diferente e melhor, não há motivação para quaisquer mudanças no presente.

O potencial de celebrações espirituais consiste em alimentar constantemente os sonhos num horizonte utópico. São pequenas conquistas relembradas, refletidas e valorizadas que fazem nascer a esperança, um acreditar e apostar que o impossível é possível. São as partilhas e as experiências de solidariedade e dignidade em momentos de comunhão que antecipam a utopia e a inserem na vida presente.

## **Conclusão**

A pesquisa demonstra, a partir das vozes de pessoas envolvidas num projeto de mudança social, como a espiritualidade deve ser considerada na construção de sujeitos críticos com autenticidade e autonomia, assim como na constituição de atores sociais com base em relações mais respeitadas e justas de acolhida e solidariedade coletiva. Não há receitas nas reflexões sobre espiritualidade, e respostas claras são suspeitas de restrições dogmáticas. A partir de momentos e espaços, sejam eles estimulados ou expressões espontâneas, abrem-se caminhos do novo, criados pelos próprios participantes. Cabe a nós, educadores e educadoras, lideranças preocupadas com um mundo melhor, percebermos o potencial, aprendermos com o diferente e cultivarmos as raízes da insistência do novo.

## **Bibliografia**

ALVES, Rubem. *Tempus fugit; carpe diem. Tempo e Presença*, Rio de Janeiro: CEDI, n. 275, p. 22-25, 1994.

ECO, Umberto. Entrevista. *Folha de S. Paulo*, 03/04/1994, VI-7.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MADURO, Otto. *Mapas para a festa: reflexões latino-americanas sobre a crise e o conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1994.

OESSELMANN, Dirk Jürgen. *Spiritualität und soziale Veränderung*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1999.